

Imunoterapia : Começar a tornar o cancro do pulmão numa doença crónica – Por António Araújo

written by António Araújo | 28 de Julho, 2025

OCIDADÃO
Agrupamento de Notícias

OPINIÃO
António Araújo



Durante décadas, o cancro do pulmão foi sinónimo de um diagnóstico sombrio. A elevada taxa de mortalidade, associada ao diagnóstico tardio e às limitações das terapias convencionais, mantinha este tipo de cancro entre os mais temidos e difíceis de tratar. Contudo, com o avanço da ciência médica, uma nova forma de tratamento tem vindo a transformar esta realidade: **a imunoterapia**.

Ao contrário da quimioterapia, que atua diretamente sobre as células tumorais e, frequentemente, sobre células saudáveis, a imunoterapia tem como principal objetivo **desbloquear o sistema**

imunitário do próprio doente, permitindo-lhe reconhecer e combater as células cancerígenas. Este mecanismo inovador de ação representa uma mudança profunda na forma como entendemos e tratamos o cancro, nomeadamente o cancro do pulmão de não pequenas células, o tipo mais comum.

Os tratamentos imunoterapêuticos mais utilizados baseiam-se em medicamentos que atuam sobre recetores específicos presentes nas células tumorais ou nos linfócitos (os polícias do nosso corpo). Estes recetores, quando ativados, têm a capacidade de “silenciar” os mecanismos de defesa do organismo. Ao bloqueá-los, os novos fármacos permitem restaurar a vigilância imunitária, travando a progressão do tumor. Na prática, deixam de ser os fármacos a atacar diretamente o cancro – é o sistema imunitário que volta a assumir o seu papel de defensor natural.

Importa salientar que, **para um tumor se desenvolver**, tem de escapar ao controlo imunológico. Os tumores tornam-se invisíveis às nossas defesas ou **até os manipulam** para não serem combatidos. A imunoterapia atua justamente nesse ponto crítico, interferindo nos subterfúgios moleculares usados pelas células cancerosas para evitar a sua destruição. Com este princípio, tem sido possível alcançar resultados promissores em doentes com doença metastizada ou localmente avançada, em que antes as opções eram escassas e os prognósticos pouco animadores.

Os benefícios são visíveis. Muitos doentes experienciam uma melhoria significativa da sua qualidade de vida, com respostas terapêuticas duradouras e uma menor incidência de efeitos colaterais. A imunoterapia tem também contribuído para transformar o cancro do pulmão numa condição potencialmente crónica e controlável em alguns casos, o que seria impensável há apenas uma década.

Naturalmente, **a imunoterapia não é isenta de riscos ou limitações.** Ao potenciar o sistema imunitário, podem surgir

reações inflamatórias noutros órgãos, como na tiroide, no intestino ou nos pulmões. Estes efeitos, ainda que geralmente controláveis, exigem uma vigilância especializada e uma **abordagem multidisciplinar**.

Além disso, a resposta à imunoterapia depende do perfil molecular do tumor e da forma como ele se relaciona com o sistema imunitário do doente – nem todos beneficiarão do tratamento e da mesma forma. A personalização do tratamento, com recurso a **biomarcadores e testes genéticos**, é hoje uma peça-chave na decisão terapêutica. O futuro da oncologia passa, inevitavelmente, por uma abordagem cada vez mais personalizada, baseada em evidência científica e em decisões partilhadas.

O valor da imunoterapia vai, no entanto, para além dos resultados clínicos. A sua introdução representou um passo significativo na **humanização do tratamento oncológico**, oferecendo aos doentes esperança, dignidade e uma vida mais ativa – conseguirmos transformar o cancro do pulmão numa doença crónica. No futuro, acredito que a personalização da imunoterapia poderá evoluir para se tornar a chave para a cura do cancro.